

A poetagem bonita: edição de livro inédito de Mário de Andrade

Marina Damasceno de Sá

Resumo

No arquivo de Mário Raul Moraes de Andrade, no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, descreve-se o plano de *A poetagem bonita*: “Livros *A poetagem bonita* = reunir em volume as críticas que tenho publicado sobre Manuel Bandeira, Gui, Osvaldo, Ronald, Menotti, Sergio Milliet, Cendrars, a página em que explico o poema do *Losango Cáqui* que saiu em *Klaxon*, a sátira a Martins Fontes, a sátira a Hermes Fontes. Tudo com pequenas modificações. Só melhorar bastante o estudo sobre Manuel afirmando mais as qualidades dele, principalmente acentuar que ele é a sensibilidade mais lírica do Brasil atual. Fazer um estudo sobre os novos de Minas e do Rio. *A poesia romântica* estudo sobre o romantismo poético brasileiro.” O autógrafo de Mário de Andrade, sem data, nos apresenta dois livros idealizados: *A poetagem bonita* e *A poesia romântica*. O plano, como se observa, supõe que a versão publicada das críticas deveria sofrer modificações. O projeto de pesquisa de doutorado *A poetagem bonita: edição de livro inédito de Mário de Andrade* tem como objetivo localizar, organizar e preparar a edição de artigos de crítica literária de Mário de Andrade publicados em periódicos paulistanos e cariocas, como na *Revista do Brasil*, em *Klaxon*, *Terra roxa e outras terras*, *Estética*, *Verde*, *A Revista*, entre outros, nos anos 1920’s e 1930’s, abrangendo principalmente a poesia moderna, de acordo com o plano por ele constituído para o livro intitulado *A poetagem bonita*. Os artigos são relevantes para os estudos do modernismo brasileiro, uma vez que focalizam, no calor do chamado “1º tempo modernista”, uma reflexão do crítico sobre o movimento. A pesquisa pretende efetivar a edição fidedigna e anotada da obra de Mário de Andrade, cuja história e linhas gerais de construção conservam-se no arquivo do escritor, bem como realizar o estudo crítico do material, com o intuito de ampliar a fortuna crítica da literatura modernista brasileira, dando visibilidade a documentos presentes na biblioteca e no arquivo de Mário de Andrade no IEB/USP.

Palavras-chave:

Mário de Andrade; *A poetagem bonita*; edição; Modernismo brasileiro

1 Doutoranda em Literatura Brasileira (bolsista CAPES/FFLCH/USP) sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes. E-mail: marina.sa@usp.br.

No fichário analítico de Mário de Andrade, conservado no arquivo do escritor no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP), encontra-se o plano de *A poetagem bonita*, manuscrito inédito de Mário de Andrade, que reuniria, em um livro, críticas de sua autoria dedicadas a Guilherme de Almeida, Oswald de Andrade, Ronald de Carvalho, Menotti Del Picchia, Sérgio Milliet, Blaise Cendrars e Manuel Bandeira. O documento autógrafo trazia a proposta de “melhorar bastante” o estudo sobre Manuel Bandeira, “afirmando mais as qualidades dele, principalmente acentuar que ele é a sensibilidade mais lírica do Brasil atual”.

A poetagem bonita traria igualmente sátiras a Martins e Hermes Fontes, um estudo sobre “os novos de Minas e do Rio” e artigo em que explica “o poema do *Losango cáqui* que saiu em *Klaxon*”. No manuscrito, Mário de Andrade registra a intenção de escrever também um livro sobre a *Poesia romântica*, “estudo sobre o romantismo poético brasileiro.” Em carta a Manuel Bandeira, posterior a 11 de maio de 1925,² Andrade refere-se ao plano de escrever os dois livros:

Fica a ideia do Romantismo de pé e de um outro livro com o lindo nome *Poetagem bonita*, em que reunirei os estudos que for publicando sobre os chamados modernistas brasileiros. Não reproduzirei o já saído. Só mesmo sobre você já publiquei um estudo global. Porém deficiente. Já tenho novas coisas a dizer sobre você e depois agora que o fim almejado com o artigo sobre você foi atingido, a liberdade da crítica entre amigos, posso dar mais largas à minha admiração.[...] Esses dois livros ficam de pé.

Na biblioteca de Mário de Andrade (IEB/USP), localizamos o referido “estudo global” sobre Manuel Bandeira na *Revista do Brasil*.³ Nele, o autor de *Pauliceia desvairada* critica *Poesias*⁴ de Bandeira, comparando o alexandrino deste ao de Ronald de Carvalho, Ribeiro Couto e Guilherme de Almeida. O artigo, nesse exemplar da revista, traz rasuras (supressões, substituições e acréscimos), instituindo uma nova versão do texto, certamente para a inclusão em *A poetagem bonita*.

2 ANDRADE, Mário de. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*/organização, introdução e notas Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: EDUSP/IEB, 2.ed., 2001, p.210.

3 _____, “Manuel Bandeira”. *Revista do Brasil*. São Paulo, set-dez 1924, p.214-224.

4 BANDEIRA, Manuel. *Poesias*. Rio de Janeiro: Edição da Revista de Língua Portuguesa, 1924.

Mário de Andrade discute criticamente *Meu*, de Guilherme de Almeida, em *Estética*, em 1925⁵, o que nos leva a crer numa continuidade ao plano da obra: “O lirismo de Guilherme de Almeida é dos mais raros e originais que conheço.[...] Essa superioridade provém, creio, dele não se conservar no ambiente de espiritualidade á força que nem os outros porém aplicar *a poetagem bonita* [grifo meu] a uma realidade física que a torna imediatamente verossímil compreensiva e sensibilizante.”

Em carta a Carlos Drummond de Andrade, em 16 de outubro de 1925,⁶ Mário de Andrade reitera a notícia partilhada com Manuel Bandeira, acerca dos livros em preparo, comunicando que o estudo sobre “os novos de Minas e do Rio” ainda não estava pronto:

Vou escrever o meu livro sobre os poetas românticos mostrando o bem dessa gente e o valor deles. Você, Martins de Almeida, o Moura estão perfeitamente em condições de fazer o mesmo com outros poetas ou com os mesmos se quiserem.[...] Ontem quando fui deitar matutando nesta carta me lembrei que não tinha citado o Nava junto de vocês. [...] Quanto à poesia dele não sei não ainda porém me parece que será o mais batuta de vocês todos. Como poeta. Você tem elemento lírico mais sutil mais intenso mesmo, é difícil de explicar assim de supetão em carta *e não estou pra fazer já artigo sobre vocês* [grifo meu], quero esperar mais um pouco, porém você me parece mais perto do Manuel, Nava me parece mais perto do Guilherme e do Ronald. [...] Ora o que distingue Ronald e Guilherme é que são mais poetas, têm mais equilíbrio entre o lirismo e a faculdade intelectual. Criam melhor que nós, me parece. Em Nava se dá o mesmo.[...] O Martins Almeida verificando que Manu “era mais poeta”, pra mim sente o mesmo que eu. Só que empregou mal a palavra “poeta”. Se vê bem que queria falar “mais lírico, mais interior”. Enfim pode ser que eu esteja errado e não se pode dizer por enquanto onde vocês atingirão.[...] O certo é que a minha maior curiosidade atual é observar aonde vocês irão parar, que estão no caminho certo acho indiscutível.

No sétimo número de *Klaxon*, em 30 de novembro de 1922, Mário de Andrade divulgou “Farauto”, buscando explicar “o poema do *Losango cáqui*.” Tratava-se de “Poema”, estampado no número anterior da revista e, posteriormente, seria incluído, em nova versão, em *Losango cáqui*. O poema foi alvo de críticas, provavelmente no *Jornal*

5 *Estética*. Rio de Janeiro. a.II, v.1, n^o3, abril-junho 1925, p.296-302

6 ANDRADE, Carlos Drummond de. *Correspondência Carlos & Mário*. Prefácio e notas de Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Bem-te-vi Produções Literárias, 2002.p.151-154

do Commercio, o que ensejou o autor a responder às “hilaridades”:

Meu “Poema”, publicado na *Klaxon* n.6, não foi compreendido pelos farautos. Duas razões há para tal incompreensão: 1º são farautos, isto é, escravos obedientes. E nunca se imaginou que para o ato de obediência fosse necessário que os escravos compreendessem as ordens de seus donos. 2º a poesia foi escrita com sinceridade e modernidade. São duas coisas que não podem existir entre farautos — ovelhas velhas, ignoras da psicologia, acostumadas a entender só o que a métrica e a rima desfiguram.

Mário de Andrade oferece “Platão”⁷ aos farautos: “procurei transcrever num soneto o que dissera no “Poema”.[...] Os farautos podem argumentar que também não compreendem o soneto, pois desconhecem Platão. É verdade.” O ataque aos defensores da velha forma poética é norte para as sátiras a Martins e Hermes Fontes, que seriam incluídas em *Poetagem bonita*:

(o maior poeta vivo do Brasil na pesada opinião do sr. João Ribeiro)
Hermes Fontes publica mais um volume de sátiras: *Despertar... Desde Apoteoses* que o ilustre sergipano, seguindo a traça que a si mesmo se impôs, vem com as suas impiedosas sátiras, provando sobejamente quanto a rima e os ideais parnasianos envelheceram e não se prestam mais para notar liricamente os nossos dias. [...] Quando Arlequim aparece, quis o Dr. Martins Fontes meter-se em versos de metro vário. Foi um desastre. Raro conseguiu um ou outro efeito rítmico interessante. Desiluda-se o aplaudido alópata. Continue no alexandrino e no octossílabo que são mais fáceis. Deixe o ritmo dos versos de metro vário para os poetas. Este gênero requer uma sensibilidade finíssima, que o dr. infelizmente não possui. Possui, e em abundância, essa rima rica da sensibilidade que se chama a sentimentalidade.⁸

Em “Osvaldo de Andrade”, crítica elencada n’A *poetagem bonita*, Mário opõe sentimentalidade a trabalho consciente. Para ele, a finalidade do grupo modernista, enquanto não-escola, era criticar a realidade brasileira, gerar uma consciência nacional “íntima, popular e unânime”, diversa da sentimentalidade do Romantismo que, a seu ver, não estava restrito à escola literária, mas ao espírito romântico. Esclarecerá, nessa direção, em 1942, na conferência “O movimento modernista”:

⁷ Posteriormente, incluído em *Losango cáqui*, com modificações.

⁸ *Klaxon*. São Paulo. n° 4, 15 agosto 1922, p.15-16

Nós tivemos no Brasil um movimento espiritual (não falo apenas escola de arte) que foi absolutamente “necessário”, o Romantismo. Insisto: não me refiro apenas ao romantismo literário, tão acadêmico como a importação inicial do modernismo artístico, e que se poderá comodamente datar de Domingos José Gonçalves de Magalhães, como o nosso do expressionismo de Anita Malfatti. Me refiro ao “espírito” romântico, ao espírito revolucionário romântico, que está na Inconfidência, no Basílio da Gama do *Uruguai* nas líras de Gonzaga como nas *Cartas chilenas* de quem os senhores quiserem. Este espírito preparou o estado revolucionário de que resultou a independência política, e teve como padrão bem briguento a primeira tentativa de língua brasileira. O espírito revolucionário modernista, tão necessário como o romântico, preparou o estado revolucionário de 30 em diante, e também teve como padrão barulhento a segunda tentativa de nacionalização da linguagem. A similaridade é muito forte. Esta necessidade espiritual, que ultrapassa a literatura estética, é que diferencia fundamentalmente Romantismo e Modernismo, das outras escolas de arte brasileiras.⁹

9 ANDRADE, Mário de. “O movimento modernista”. *Aspectos da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002, p.258, 260, 263, 264 e 274. VER “Letras mineiras” (ANDRADE, Mário de. *Vida literária*. Pesquisa, estabelecimento de texto, introdução e notas de Sonia Sachs. São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 1993, pp.126-129).

Referências bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Correspondência Carlos & Mário*. Prefácio e notas de Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Bem-te-vi Produções Literárias, 2002.

ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002,

_____. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*/organização, introdução e notas Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: EDUSP/IEB, 2.ed., 2001.

_____. “Manuel Bandeira”. *Revista do Brasil*. São Paulo, set-dez 1924.

_____. “Osvaldo de Andrade”. *Revista do Brasil*. São Paulo, set-dez 1924.

BANDEIRA, Manuel. *Poesias*. Rio de Janeiro: Edição da Revista de Língua Portuguesa, 1924.

Estética. Rio de Janeiro. a.II, v.1, nº3, abril-junho 1925.

Klaxon. São Paulo. nº 4, 6 e 7. Agosto, outubro e novembro de 1922.